

O QUE DIZEM DE NÓS



«Voz da Africa Livre», mais conhecida por voz da Quizumba. Usar a linguagem da revolução para atingir fins reaccionários.

São tantas e tão ridículas as mentiras propagadas na imprensa capitalista sobre Moçambique que não sa-

bemos por onde começar. Por exemplo, a 10 de Setembro deste ano corria por todo o mundo a «notícia» de

que o Presidente Samora tinha sido morto. A tarde aqui na «TEMPO» — assim como na RM, Notícias, a AIM —

26/12/76

começamos a receber telefonemas de agências de informação ocidentais que nos perguntavam se o Presidente Samora estava realmente morto. Disse-mos ao telefone que o nosso Presidente estava nesse momento na FACIM e que de manhã tinha estado na Embaixada da República Popular da China a apresentar condolências pela morte de Mao Tse Tung. E aproveitamos para perguntar a quem nos telefonava onde é que eles tinham ido buscar tal «notícia». A resposta que nos foi dada diz muito do que é a (ir) responsabilidade. Alguém em Maputo comunicou com alguém em Joanesburgo que contactou com algum «jornalista» que por sua vez se dirigiu apressadamente a um dos órgãos de informação dessa cidade com a frase na boca: Samora Machel está morto. Dessa cidade sul-africana a sensacional «notícia» passou para a Europa e no dia seguinte dezenas de jornais de todo o ocidente especulavam sobre se o Presidente Samora estaria ou não morto. Alguns jornais chegaram a afirmar, com grandes títulos na primeira página, que o Presidente da FRELIMO estava realmente morto.

Esta não foi a única vez que a imprensa ocidental se dedicou a falar de atentados contra o nosso Presidente. A 23 de Setembro o jornal português «A Rua» dizia que Samora Machel tinha sido exilado em Lichinga — o jornal ainda lhe chama Vila Cabral — depois de ter escapado a mais um atentado contra a sua vida no bairro de Mahangalane em Maputo.

Sob o título «Moçambique à Beira do Fim» outro jornal português, «O Retornado», pega na tradicional tática tribalista e diz que os macuas e macondes estão a preparar uma revolta contra a FRELIMO. O artigo que saiu a 31 de Agosto até revela a altura em que esta se devia registar; diz o «O Retornado»: «essa revolta... verificar-se-á em fins de Setembro ou princípio de Outubro próximos».

Um dos tópicos preferidos da imprensa ocidental é sem dúvida o das relações entre a República Popular de Moçambique e a União Soviética. Há toda uma propaganda sobre a «nova colonização de Moçambique feita pela União Soviética». Para se «consubstancializar» essa propaganda arranjam-se exemplos. Um destes exemplos é a construção de bases militares Soviéticas em Moçambique. Na sua edição de 13 de Outubro o jornal português «Comércio do Porto» — citando o vespertino sul-africano «The Star» que por sua vez cita fontes diplomáticas de Washington e das Nações Unidas —

U.R.S.S. AUTORIZADA A INSTALAR EM MOÇAMBIQUE UMA BASE DE APOIO

JOANESBURGO, 12. — O Governo moçambicano de Samora Machel autorizou a U.R.S.S. a instalar, numa das ilhas costeiras entre Maputo e a Beira, uma base de apoio para as suas unidades navais e aéreas colocadas no futuro, segundo, hoje, afirmou o diá-

Doubt over fate of Machel continues

Africa News Service: JOHANNESBURG

THERE is still uncertainty over the well being of President Samora Machel of Mozambique despite the discounting of rumours that he has been assassinated. Usually reliable sources said yesterday they had good information that President Machel had been shot in Maputo last week and treated at the hospital there. They had no information on his condition.

Titulos como este («Continua a duvidar-se do paradeiro de Machel») apareceram em dezenas de jornais do ocidente nos dias que se seguiram à «notícia» de que o presidente Samora tinha sido morto.

MOÇAMBIQUE À BEIRA DA GUERRA CIVIL

diz que «segundo as referidas fontes a base soviética ficaria instalada na ilha de Bazaruto». E mais adiante afirma: «A base seria essencialmente destinada ao reabastecimento das unidades navais e aéreas soviéticas acrescentando o jornal sul-africano» que a instalação de uma base aérea em Bazaruto constituirá de facto uma amea-

ça contra a Rodésia e mesmo contra grande parte do território sul-africano». Em suma, é preciso propagandear a ideia de que a independência de Moçambique é uma ameaça para a África Austral e para o mundo e não há melhor maneira de o fazer do que através do anti-comunismo.

Recentemente a imprensa capitalista mudou de tática no referente aos combates permanentes ao longo da fronteira entre Moçambique e a Rodésia. Agora, apregoa essa imprensa, são dissidentes da FRELIMO que atacam Moçambique e não soldados rodesianos. O «Citizen», novo jornal sul-africano de língua inglesa pro-governamental publicou no dia 17 do mês passado um artigo no qual se afirma que existem mais de mil dissidentes da FRELIMO a lutar ao lado das forças rodesianas. O artigo diz mesmo quem são os comandantes desses dissidentes: Alfredo Maria e Cara Alegre Tembe. Para além de ser mentira que estes dois camaradas tenham deixado Moçambique o essencial a analisar nestas afirmações é o grau de exagero, o grau de distorção da realidade que contém. É obvio que existem traidores povo moçambicano.

O que o artigo do «Citizen» faz, porém, é confundir antigos GEs e GEPs com dissidentes da FRELIMO. Para precisamente para espalhar a ideia de que se um dia houver uma invasão maciça a Moçambique esta invasão seja vista como se se tratasse de uma guerra entre moçambicanos, uma guerra civil. Por outro lado estas distorções servem uma outra intenção: até há poucas semanas toda a imprensa ocidental reaccionária era abertamente hostil à FRELIMO. Agora

MACHEL EXILADO EM VILA-CABRAL?

203
A rematar os insistentes rumores de que Machel escapou a um atentado no bairro da Malhangalene surge a notícia de que o chefe da Frelimo teria sido compelido a fugir

parte dessa imprensa começou a falar de facções dentro da FRELIMO, tática essa bastante usada pela «Voz da África Livre». Tornou-se demasiado claro que é a CIA, ou os serviços secretos sul-africanos, ou ambos, a determinar toda essa propaganda um pouco mais subtil do que aquela que tinha vindo a praticar até agora. Um exemplo dessa subtiliza é o facto de a Voz da Quizumba passar usar uma retórica revolucionária para espalhar as suas ideias fundamentalmente reaccionárias; outro exemplo é o seu apoio hipócrito à figura de Eduardo Mondlane, explorando o seu nome para servir os seus fins reaccionários.

FRELIMO AUMENTA ÁREA MARÍTIMA E RÚSSIA CONSTRÓI BASE NA BAZARUTO

A Frelimo, que não possui meios navais de controlo da costa do território que ilegal-

COMUNICADO DO MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO

A propósito da escalada de falsidades apregoadas na imprensa capitalista mundial sobre a FRELIMO e sobre o que se passa em Moçambique, o Ministério da Informação divulgou o seguinte comunicado.

«Nas últimas semanas tem-se intensificado na imprensa ocidental, uma campanha tendente a apresentar a República Popular de Moçambique como uma ameaça à paz e segurança desta zona do Continente. São atribuídas à República Popular de Moçambique intenções de atacar a África do Sul e outros países da zona.

Para o público mal esclarecido é difícil compreender os objectivos duma campanha que repousa exclusivamente em afirmações falsas, ou em grosseiras distorções da verdade.

Para compreendermos devemos analisar o processo que a imprensa imperialista tem utilizado para desinformar a opinião, sobre a verdadeira situação na República Popular de Moçambique.

De há alguns meses atrás, a imprensa ocidental

vem difundindo as notícias mais alarmistas acerca da instabilidade da nossa República.

Assim, diz-se que em Cabo Delgado a população ter-se-ia revoltado. Chegou-se ao ponto de se afirmar que em Mueda, local onde teve lugar o massacre de 16 de Junho de 1960, a população revoltada teria içado a bandeira portuguesa e libertado oficiais portugueses que se encontrariam aí detidos.

É mentira. Nunca houve oficiais portugueses detidos em Mueda. Quem pode imaginar que os sobreviventes dos massacres são capazes de içar a bandeira, daqueles que os massacraram?

Em seguida, essa mesma imprensa começou a falar de uma insurreição em Nampula. Hoje em dia ela difunde como facto, que guerrilhas operam em Cabo Delgado e Nampula sob o comando de Lázaro Nka-

vandame. É mentira. Quanto a Lázaro Nkavandame, está detido num campo de reeducação desde 1974, por crime de alta traição.

De acordo com a imprensa imperialista, na fase actual, o Governo da República Popular de Moçambique pouco mais faz que controlar a capital.

De Agosto para cá a campanha mudou de tom.

Os ataques criminosos das forças mercenárias e racistas do regime ilegal de Salisbúria, são apresentados como sendo levados a cabo por dissidentes da FRELIMO.

Nas últimas semanas, foi-se ao ponto de dar nomes a esses dissidentes: certos camaradas nossos, tais como Cara Alegre Tembe e Alfredo Maria, são apresentados pela imprensa imperialista, como tendo desertado estando a comandar forças, que operam contra a República Popular de Moçambique, a partir da Rodésia do Sul.

Mais uma mentira.

Paralelamente, intensifica-se uma campanha alarmista sobre intenções dos países socialistas, de utilizar o território da República Popular de Moçambique como plataforma de operações contra os regimes racistas da África Austral. É assim que essa imprensa imperialista propaga que a União Soviética instalou uma base aero-naval no centro turístico do Bazaruto, que dois pilotos cubanos foram abatidos, que seis instrutores da República Democrática Alemã foram capturados, que foi organizada uma ponte aérea para transporte de tanques e pessoal cubano, de Angola para Moçambique. Chegou-se ao ridículo de dizer que se encontram 5000 soldados cubanos no território da nossa República, disfarçados de técnicos de cana-de-açúcar, e que 25% desses cubanos se encontram nas plantações de Sena Sugar States. Falase de tropas tanzanianas em Moçambique, discordando as diferentes fontes imperialistas sobre o número exacto de batalhões tanzanianos que se encontram no nosso território. Disse-se mesmo que a guarda presidencial é estrangeira.

De novo perguntamos: qual o objectivo desta campanha de mentiras?

A resposta é: intimidar a República Popular de Moçambique, para bloquear o processo revolucionário, impedi-la de prosseguir a edificação das suas forças armadas, e torná-la assim incapaz de defender eficazmente a sua soberania.

A República Popular de Moçambique é um Estado soberano e independente. Na defesa da sua soberania e independência, sob a direcção da FRELIMO, o Povo moçambicano e o seu braço armado, as FPLM, com gloriosas tradições de luta, combaterá e esmagará qualquer agressão.

A República Popular de Moçambique tem o direito de fazer apelo aos seus aliados. Sempre que soberanamente considerar que lhe é necessário o apoio

dos seus aliados, a República Popular de Moçambique utilizará esse direito.

Relacionemos esta campanha, com certos factos do nosso conhecimento.

Temos informações de que há concentrações de tropas racistas nas nossas fronteiras. Ao mesmo tempo temos informações de que nesse país vizinho racista se está a preparar um grupo de mercenários para serem introduzidos clandestinamente no nosso território. Uma vez em Moçambique, disfarçados de soldados das FPLM, vão lançar um ataque simulado contra a África do Sul.

Esta «provocação», já utilizada por Adolf Hitler para justificar a sua agressão contra a Polónia em 1939, destina-se a fornecer ao imperialismo, pretextos e justificações para agredir o nosso País.

É este contexto em que se situa a campanha de desinformação. Lançar muitas mentiras sucessivas, cada uma mais grosseira e absurda que a outra, para que alguma coisa acabe por ficar no espírito das pessoas mal informadas.

Querem assim:

1. Induzir a opinião pública mundial a pensar que a luta de libertação da África Austral não é feita pelos povos oprimidos da África Austral, e que o combate de libertação reduz-se a uma rivalidade entre os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A presente situação na África Austral seria uma consequência da guerra fria, e o desenvolvimento impetuoso dos combates do Zimbabwe, Namíbia e da revolta popular na África do Sul, reduzir-se-ia a «manobras» dos países socialistas.
2. Induzir a opinião pública mundial, a pensar que o Governo de República Popular de Moçambique é um Governo agressor, e as forças racistas e imperialistas que nos invadem, fazem-no em autodefesa.
3. Induzir a opinião pública mundial, a pensar que existe um clima de instabilidade e revolta popular, e que os lacaios dos imperialistas, que participam com eles nos massacres e chacinas do nosso Povo, são representativos da vontade das massas.

O Ministério da Informação da República Popular de Moçambique, ao expor estes factos, deseja alertar a opinião pública nacional e internacional sobre os preparativos de agressão contra a República Popular de Moçambique e denuncia de antemão os pretextos grosseiros que estão a ser utilizados, para justificar e encobrir a agressão racista e imperialista.